

## GOULART NO EXÍLIO: MEMÓRIA E HISTÓRIA

Marieta de Moraes Ferreira \*  
Lourival Mendonça \*\*

Em 2004, o golpe de 1964 estará completando quarenta anos. Durante todo esse tempo foram produzidos vários trabalhos sobre o papel dos militares e das oposições civis ao governo de João Goulart. Entretanto, os principais impasses de seu governo, seu papel como ator político e sua atuação no período de exílio permanecem temas obscuros, não merecendo maior atenção de estudiosos e pesquisadores. Deste modo, podemos considerar que o recebimento e a abertura do arquivo João Goulart pelo CPDOC podem vir a constituir uma oportunidade interessante para nos voltarmos a essa temática.

O foco central de nosso interesse neste trabalho não será especificamente o governo Goulart, mas sua atuação no exílio, no momento posterior ao golpe. Nossa atenção vai estar concentrada nas tentativas de Goulart de articular uma força de oposição ao regime militar. Tentaremos responder às seguintes questões: Como Goulart se comportou diante da Frente Ampla? Sua atuação nos permite perceber o estabelecimento de estratégias claras de ação? Em caso afirmativo, as estratégias implementadas representaram iniciativas próprias? Ou sua atuação se dava mais como reação às demandas colocadas por outras lideranças da oposição? Fora das articulações da Frente Ampla é possível detectar outras iniciativas de ação política de Goulart?

Para atingir esses objetivos adotamos como estratégias de trabalho: focalizar duas memórias divergentes construídas em torno de Goulart, alguns trabalhos acadêmicos que oferecem interpretações sobre o tema e, por fim, analisar a documentação primária que nos permite reconstruir a trajetória de Jango no exílio.

Esta comunicação, centrada no exílio, é uma pequena parte de uma pesquisa mais ampla, que pretende acompanhar toda a trajetória de João Goulart, desde sua eleição para deputado estadual no Rio Grande do Sul, em 1947, até suas últimas ações políticas no exílio. Entendemos que a investigação sobre sua atuação no exílio pode nos fornecer dados novos em relação às suas margens de ação política.

Segundo interpretações correntes nos trabalhos que versam sobre o assunto, as questões de caráter estrutural, agravadas pela incompetência política de Goulart, teriam sido as determinantes no curso

---

\* Doutora em História; Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas-CPDOC/FGV.

\*\* Graduando em História pela UFRJ; estagiário do CPDOC/FGV.

da crise de 64. Com o objetivo de buscar uma outra diretriz de pesquisa, optamos por focalizar a figura de Goulart e procurar captar as margens de ação de que ele dispunha, bem como os limites que acompanham seu processo de tomada de decisão.

## **Memória e História**

Para abarcarmos alguns aspectos centrais da construção da memória sobre Goulart, privilegamos a visão de dois atores cujos papéis foram destacados na oposição e no apoio ao ex-presidente, em momentos cruciais de sua trajetória política.

O primeiro deles, Jorge Oscar de Mello Flôres, teve papel destacado na cena brasileira dos anos 60, quando esteve à frente do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IPÊS), como um de seus colaboradores centrais. Durante o governo de Goulart, o IPÊS desenvolveu estudos que consistiam em alternativas ao modelo nacional-reformista de crescimento econômico. Também era um propósito claro do IPÊS criar canais de influência junto à opinião pública, contribuindo para desestabilizar o governo Goulart.

Oscar Flôres faz referência a Goulart utilizando algumas das imagens que, negativamente, ficaram bastante impregnadas na memória construída sobre o presidente deposto e seu governo (Flôres, 1998). Ao mencionar seus aspectos pessoais, sobressai a imagem de um líder fraco, suscetível às pressões da esquerda mais radical, manipulável tanto pelos comunistas quanto por Brizola.

O relato de alguns episódios determinantes para a queda de Goulart reforça a idéia de um governo desarticulado diante de uma conspiração altamente organizada, capaz de arregimentar forças a cada ato do governo que soasse perigoso para a manutenção da legalidade. Além da ligação com os comunistas e o apoio à quebra da hierarquia das Forças Armadas, a desinformação em relação às reais proporções do movimento conspiratório e a desmoralização de Goulart junto à opinião pública teriam provocado a queda de Goulart, segundo Oscar Flôres.

Nosso outro personagem, José Gomes Talarico, possui trajetória bastante distinta. Militante trabalhista histórico, foi um dos principais representantes de Goulart após sua deposição, transformando-se no emissário do ex-presidente em várias viagens internacionais, além de ter ido constantemente ao Uruguai para informá-lo sobre a conjuntura nacional e, em particular, sobre os encontros de organização da Frente Ampla.

Talarico ressalta as virtudes de Goulart em seu depoimento, reconhecendo nele as qualidades necessárias para se legitimar como herdeiro político de Vargas. Jango teria transformado verdadeiramente o PTB em um partido, ampliando seu raio de ação política e, ao mesmo tempo,

preservando o nacionalismo e a política social idealizados e apenas parcialmente cumprido por Getúlio Vargas (Talarico, 1998).

No que diz respeito ao período de governo, diz Talarico, Goulart teria menosprezado seu capital político, suficientemente forte para realizar as reformas, ao se dedicar à montagem e à manutenção de um governo conciliador. Ele teria sido sobretudo um político de caráter não radical, traço presente em vários momentos de sua trajetória, e sua aversão ao radicalismo seria o norte dos constantes desentendimentos com Leonel Brizola, durante e após seu governo. Talarico assume a posição de quem, de dentro do governo, não enxergava facilmente suas contradições, creditando à conspiração a responsabilidade exclusiva para a queda do líder trabalhista. A intervenção político-militar teria sido amparada por uma grande rede nacional e internacional, que se mostrou competente em fabricar pretextos, como a infiltração de "agitadores" nas mobilizações promovidas pelo governo, para influenciar os jornais e insuflar a opinião pública contra o governo. O relato do político petebista, no entanto, deixa pistas também de que Goulart não se preparara suficientemente para conter a investida conspiratória, menosprezando a importância de atores e articulações que o surpreenderiam em pouco tempo.

Os dois relatos selecionados apresentam naturalmente visões divergentes sobre Jango, mas num ponto específico parecem se aproximar - a incapacidade política de Goulart para enfrentar a crise de 64. Em relação ao exílio especificamente, as avaliações são escassas e também não dão conta da complexidade de atitudes do ex-presidente.

No que diz respeito à historiografia sobre a crise do governo Goulart, a produção valoriza sobretudo seus aspectos políticos e institucionais, assim como ressalta o isolamento de Goulart e sua dificuldade de construir alianças duradouras e bases de apoio sólidas. Contudo, a atuação de Jango como ator político não merece atenção especial, sendo suas ações encaradas essencialmente como reflexo da realidade que o cerca. Ora essas ações são vistas como espelhando as contradições do PTB (D'Araújo, 1996; Gomes, 1994), ora como integradas ao clima de radicalização política e de desvalorização da democracia determinantes no comportamento da maior parte dos atores sociais (Figueiredo, 1993), ora ainda como correspondendo à paralisia surgida no âmbito do Legislativo (Santos, 1986). Em todas essas explicações, há pouco espaço para a discussão do comportamento político de Goulart. Um dos poucos trabalhos que parece ressaltar essa temática é o de Caio Navarro de Toledo (1982). Entretanto, o autor analisa o comportamento político de Goulart em termos de um "pacto populista", em que as ações, ora se aproximando das forças conservadoras no Congresso, ora dialogando com os movimentos de esquerda, não estariam fundamentadas em um projeto político próprio, e sim vinculadas a uma práxis do trabalhismo brasileiro, que acabou por exercer uma ação catalisadora no processo de radicalização que culminou no golpe de 64.

A historiografia sobre a atuação de Jango no exílio é ainda muito escassa, faltando mesmo estudos referenciais para essa temática. Bandeira (2001) enfatiza a trajetória de Goulart como líder trabalhista e caracteriza a deposição como um movimento reacionário das classes dominantes em prejuízo do governo que teria levado as lutas sociais e os interesses do povo ao poder, sendo seu trabalho um dos poucos que estudam o comportamento de Goulart após sua deposição. Para o autor, a Frente Ampla, mesmo tendo a participação de Goulart por ocasião de seu encontro com Lacerda, não passou de um movimento de cúpula, mobilizou poucos atores e se mostrou incapaz de alcançar a população e de fazer frente ao governo Costa e Silva, que recrudescia o combate à oposição. Finalmente, em abril de 1968, a Frente seria extinta pelo regime militar.

### **O arquivo Goulart e o exílio**

O Arquivo João Goulart, depositado no CPDOC, possui documentos relacionados aos vários momentos políticos de Jango, mas sobretudo ao exílio<sup>1</sup>. O arquivo concentrado na série exílio é essencialmente composto pela correspondência enviada ao Uruguai pelos colaboradores de Goulart, entre 1964 e 1969. A grande maioria das cartas endereçadas a Goulart não possui assinatura, e boa parte delas não é datada, fatores que limitam nossa análise, além da presença de poucos textos da autoria de Goulart. Tentaremos, portanto, recuperar a trajetória de Jango no exílio e compreender suas posições através de relatos de outros atores, o que complexifica nossa tarefa.

A correspondência é acompanhada de vários relatórios que abordam a conjuntura nacional durante aquele período e elegem como tema central as articulações em torno da Frente Ampla, tendo por objetivo informar e atualizar o presidente deposto sobre tais assuntos.

### **Goulart e a Frente Ampla**

A Frente Ampla foi um movimento político que atuou, entre outubro de 1966 e abril de 1968, na oposição ao regime militar, sendo iniciativa do ex-governador Carlos Lacerda, que arregimentou apoio de alguns de seus antigos opositores, como Juscelino Kubitschek e o próprio João Goulart, e junto a eles, alguns de seus aliados políticos. A Frente iniciou-se a partir do crescente isolamento de Lacerda à medida que Castelo Branco institucionalizava a permanência dos militares no poder, acabando por extinguir, através do AI-2, os partidos criados em 1945, sendo que a maioria dos seguidores do ex-líder udenista ingressaram no MDB. Lacerda procurou inicialmente a adesão de Juscelino, que, após várias negociações, intermediadas por Renato Archer, oficializou seu apoio com o lançamento da Declaração de Lisboa, em 28 de outubro de 1966.

Com a posse de Costa e Silva na presidência da República, em março de 1967, a Frente entrou num período de desmobilização, devido à ausência de consenso em relação aos seus objetivos e ao agravamento da orientação do governo de combater as oposições. No entanto, os contatos com João Goulart foram intensificados, tendo este se encontrado com Lacerda em setembro de 1967. Em abril de 1968, contudo, a Frente Ampla foi extinta pelo regime militar (*Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro*, 2002).

A documentação do arquivo pessoal de Goulart concernente ao ano de 1964 é escassa, mas já existe, em uma das cartas enviadas a Jango<sup>2</sup>, a preocupação em criar um esquema de articulação política em oposição ao governo Castelo Branco, que pudesse ser liderada pelo ex-presidente. Também existe a preocupação em tornar clara a escolha de um representante seu no Brasil.

Contudo, o documento mais expressivo desse período é um manuscrito<sup>3</sup>, que, por seu teor, pode ser atribuído a Goulart, esclarecendo sua posição frente ao governo instalado após sua deposição. O discurso está pautado na denúncia das ações “entreguistas” do novo governo, assim como na reafirmação da luta pelas reformas durante seu governo e toma para si a responsabilidade pela liderança das massas:

*“Não tenho ambições personalistas. Representei na Suprema Magistratura do país, a mim confiada pelo voto livre das urnas, os sentimentos de uma geração que luta dramaticamente pela emancipação econômica e política de nossa pátria. Antes de mim outros foram atingidos. Vargas tombou sacrificado pelas mesmas forças de reação que agora tentam a minha destruição em nome de falsos princípios de justiça e nacionalidade. E dele vem a inspiração recente para a epopéia da nossa integral libertação.”*

A documentação de 1965 e 1966 registra um interesse crescente de Goulart pela mobilização das oposições no Brasil, porém sua posição se mantém indefinida durante todo esse período. Também não se percebe uma posição consensual entre os seus colaboradores. Se, de um lado, há uma demanda de alguns por seu engajamento na Frente, por outro, detectam-se reações de crítica a uma aproximação de Jango com o movimento. Os documentos indicam que o desafio de Goulart seria o de se fazer presente num cenário de reorganização das oposições ao regime militar, e ao mesmo tempo, se preservar de um risco de comprometimento com seus antigos inimigos, resultantes do seu engajamento explícito à Frente Ampla.

No ano de 1967, a Frente Ampla ganha maior destaque nas cartas e relatórios enviados a Goulart. As correspondências deste período ressaltam as dificuldades para a expansão do movimento. De um lado, o governo Costa e Silva estaria pressionando Juscelino a desistir das articulações em torno da Frente, ameaçando-o com prisão. Por outro, haveria retaliações do MDB e da ARENA contra os

integrantes que viessem a participar do movimento.<sup>4</sup> Tais pressões provocaram um relativo esvaziamento nas articulações da oposição, sem que isso, contudo, fizesse Goulart desistir de manter seus contatos com os organizadores do movimento. Negociações estavam sendo feitas, conforme as cartas acentuam, para o ingresso dos trabalhistas na Frente. Em relatório de janeiro de 1967<sup>5</sup>, há uma exigência de vinculação explícita da organização a alguns preceitos getulistas, incluindo pontos da “Carta Testamento”. Essa referência ao passado político, em pleno regime militar, atesta a preocupação dos trabalhistas em garantir alguma coerência no engajamento ao movimento de oposição, e, ao mesmo tempo, o desejo em minimizar o papel de Lacerda como seu grande referencial.

### **O encontro entre Goulart e Lacerda**

No início de 1967, há uma grande expectativa por parte das oposições em relação ao governo de Costa e Silva, conforme o relatório de janeiro de 67 pode demonstrar. Para alguns de seus mais expressivos integrantes, como Juscelino, o novo governo poderia adotar medidas como a aprovação de uma nova Constituição e a revogação do AI-2, permitindo a antigas lideranças o reingresso no jogo político formal. Entretanto, as expectativas por uma abertura do regime foram frustradas e a correspondência, a partir de agosto, passa a destacar a urgência da organização efetiva da Frente Ampla, como resposta ao fechamento do governo Costa e Silva. As oposições se viam na iminência de um consenso, através da integração de líderes como Goulart, Lacerda, Jânio e Juscelino. Nesse período, o movimento ganha uma maior institucionalização e passa a adotar diretrizes mais claras, atendendo inclusive a algumas demandas de Goulart, como a não transformação do movimento em partido e a não discussão de candidaturas à sucessão presidencial.

Nesse contexto, Goulart finalmente aceita se encontrar com Lacerda em Montevideú, em setembro de 1967. O ex-presidente, no entanto, estaria em desacordo com a ausência de uma comunicação direta com as massas e com a diretriz de se definir a Frente como um movimento de cúpula, estratégia defendida pela maioria de seus integrantes. As divergências de orientação foram em parte equacionadas com a organização dos comícios de dezembro de 67 e abril de 68, que buscavam a integração das camadas populares ao movimento. O fechamento do regime, em 1968, não permitiu, contudo, a continuidade da manutenção da Frente Ampla.

## **Goulart e suas alternativas de ação**

A documentação de 1968 e 1969 demonstra que, com o término da Frente Ampla, Goulart manteve-se afastado das agitações políticas que marcaram o ano de 1968 no Brasil. Os esforços de Goulart se voltaram, nesse momento, para a construção de uma memória em torno de seu governo e de seu papel histórico como líder trabalhista e herdeiro político de Vargas, através de um livro.

O “Livro Branco”, como é mencionado em várias cartas, teria por objetivo contribuir para a construção de uma imagem positiva e isenta do governo Goulart. Algumas cartas enviadas por Goulart aos aliados no Brasil reiteram o interesse do ex-presidente na elaboração do livro<sup>6</sup> e o tema reaparece em algumas cartas enviadas a ele<sup>7</sup>.

Finalmente, numa das cartas escritas pelo ex-presidente<sup>8</sup>, os atos públicos que seriam realizados em homenagem a Vargas, por ocasião do aniversário de sua morte, em 24 de agosto de 1968, ganham destaque. Durante a maior parte dos anos de exílio, Goulart permaneceu a par das homenagens a Vargas, sendo informado por seus aliados sobre tais eventos. Nesta carta, porém, Goulart demonstraria seu vínculo com o legado de Vargas e sua missão enquanto líder do trabalhismo:

*“Nossa tarefa é lutar pelos grandes objetivos populares, cristãos e democráticos que inspiraram a vida de Getúlio Vargas e que ele deixou inscritos para sempre na Carta Testamento. Somente assim poderemos retomar o caminho das reformas de base que tanto nos esforçamos por concretizar pacificamente. Elas constituem hoje a aspiração comum e mais sentida de todos os povos da América Latina.”*

A análise de documentação disponível nos permite algumas considerações acerca das perguntas inicialmente formuladas neste trabalho.

Goulart tomou poucas iniciativas de produzir articulações políticas. Comparativamente com outras lideranças, como Juscelino e Brizola, Jango manteve uma posição de distanciamento. Na verdade, Jango temia se comprometer com a Frente Ampla. A aliança com Lacerda poderia ser interpretada como um ato de incoerência política, de desrespeito ao passado trabalhista de Jango e à herança de Vargas, já que a documentação indica que Goulart continuou aferrado ao passado e aos seus compromissos com o getulismo, durante os anos de exílio. Por outro lado, o líder trabalhista parecia temer em criar novos focos de tensão com o governo militar.

A aproximação de Jango com a Frente e o encontro com Lacerda aparecem mais como resultado da pressão dos aliados, que, depois da cassação de Juscelino, entendiam que a participação de Goulart poderia ajudar a garantir a manutenção da Frente. Na verdade, uma definição mais explícita de Jango, materializada no encontro com Lacerda, se efetivou em um quadro de desgaste da

organização, com o declínio da presença de Juscelino na cena política, em virtude da pressão dos militares. O encerramento da Frente vai conduzir a uma nova submersão política de Jango, que durante toda a agitação política de 1968 se manteve em silêncio, sem procurar novas articulações políticas com as oposições no Brasil.

Pode-se depreender da documentação analisada que o principal investimento político de Jango foi trabalhar com o passado, como um capital a ser utilizado no futuro, uma vez que o presente oferecia poucas chances de vitória. Podemos tomar seu empenho em viabilizar a elaboração de um livro sobre seu governo como a tentativa de construir um texto que atualizasse a carta testamento de Vargas, sem, portanto, perdê-la como referência.

## NOTAS:

---

<sup>1</sup> O acervo é composto por 310 documentos textuais, 21 impressos, entre livros e artigos de periódicos, além de 135 fotografias. Os documentos textuais foram divididos em sete séries: Documentos Pessoais; Presidente do Diretório do PTB/RS; Ministro do Trabalho; Vice-presidente da República; Presidente da República; Exílio e Post-Mortem. A documentação concentra-se no período do exílio, que escolhemos analisar nesse trabalho. As informações técnicas foram retiradas do Guia do Arquivo CPDOC, através da home page: [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br).

<sup>2</sup> Carta de 13 de junho de 1964, sem identificação do autor.

<sup>3</sup> Carta de 1964, sem data exata e sem identificação do autor.

<sup>4</sup> Carta de 1967, sem data exata, sem identificação do autor.

<sup>5</sup> Relatório de janeiro de 1967, sem identificação do autor.

<sup>6</sup> Cartas de Goulart, de 1968, sem data exata, endereçadas a Edmundo Moniz, Ermírio de Moraes e Ênio Silveira.

<sup>7</sup> Em uma carta enviada a Goulart, sem identificação do autor, a produção do livro já se encontra como um dos assuntos principais, revelando sua preparação por Darcy Ribeiro, com ajuda de Raul Ryff no levantamento de material. A correspondência também menciona o esforço de organização de um arquivo contendo boa parte da documentação do ex-presidente no exercício do ministério do Trabalho, da presidência e da vice-presidência.

<sup>8</sup> Carta de Goulart, de 1968, sem data exata.

---

## BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Alzira Alves de *et alli* (org) *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil, 1961-1964*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Revan; Brasília, EdUnB, 2001.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, Carisma & Poder: o PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Verbetes João Goulart e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) In: ABREU, Alzira Alves de *et alli* (org) *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo, Paz e Terra, 1993.



FLÔRES, Jorge Oscar de Mello. *Jorge Oscar de Mello Flores. Na periferia da História*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. Trabalhismo e Democracia: o PTB sem Vargas. In GOMES, Ângela de Castro (org.) *Vargas e a Crise dos Anos 50*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

LAMARÃO, Sérgio. Verbete Frente Ampla In: ABREU, Alzira Alves de *et alli* (org) *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getulio Vargas, 2002.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Sessenta e quatro: anatomia da crise*. São Paulo, Vértice, 1986.

TALARICO José Gomes,. *Conversando sobre política: José Gomes Talarico*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O Governo Goulart e o Golpe de 64*. São Paulo, Brasiliense, 1982.